



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA VETERINÁRIA
CURSO DE AGRONOMIA**

**CLUBE DO JARDIM: HORTA COMUNITÁRIA COMO MEIO DE
ALFABETIZAÇÃO ECOLÓGICA ATRAVÉS DE UMA COMUNIDADE
DE PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS E SUSTENTÁVEIS**

CECILLIA LAGO PINHEIRO

**BRASÍLIA, DF
2019**

CECILLIA LAGO PINHEIRO

**CLUBE DO JARDIM: HORTA COMUNITÁRIA COMO MEIO DE ALFABETIZAÇÃO
ECOLÓGICA ATRAVÉS DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICAS
AGROECOLÓGICAS E SUSTENTÁVEIS**

Monografia apresentada à Faculdade de Agronomia
e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília,
como parte das exigências do curso de Graduação
em Agronomia, para a obtenção do título de
Engenheira Agrônoma

Orientador:
PROF. Dr. **JOÃO LUÍS HOMEM DE CARVALHO**

Co-orientadora:
MESTRANDA **BRUNA PEDROSO THOMAZ DE
OLIVEIRA**

**BRASÍLIA, DF
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA

Lc	Lago Pinheiro, Cecillia Clube do Jardim: horta comunitária como meio de alfabetização ecológica através de uma comunidade de práticas agroecológicas e sustentáveis / Cecillia Lago Pinheiro; orientador João Luis Homem de Carvalho ; co-orientador Bruna Pedroso Thomaz de Oliveira . -- Brasília, 2019. 59 p. Monografia (Graduação - Agronomia) -- Universidade de Brasília, 2019. 1. Agroecologia. 2. Comunidade de Práticas. 3. Alfabetização Ecológica. 4. Agricultura Urbana . I. Luis Homem de Carvalho , João , orient. II. Pedroso Thomaz de Oliveira , Bruna, co-orient. III. Título.
----	---

Cessão de direitos

Nome da Autora: Cecillia Lago Pinheiro

Título: Clube do Jardim: horta comunitária como meio de alfabetização ecológica através de uma comunidade de práticas agroecológicas e sustentáveis

Ano: 2019

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desse relatório e para emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. A autora reserva - se a outros direitos de publicação, e nenhuma parte desse relatório pode ser reproduzida sem a autorização por escrito da autora.

CECILLIA LAGO PINHEIRO

Clube do Jardim: horta comunitária como meio de alfabetização ecológica através de uma comunidade de práticas agroecológicas e sustentáveis

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília, como parte das exigências do curso de Graduação em Agronomia, para obtenção do título de Engenheira Agrônoma.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. JOÃO LUÍS HOMEM DE CARVALHO
CEAM - Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
– Universidade de Brasília
Orientador

MESTRANDA BRUNA PEDROSO THOMAZ DE
OLIVEIRA
Fundação Oswaldo Cruz – Brasília
Co-orientadora

Prof.Dr. GERVÁSIO FERNANDO ALVES RIOS
FAV –Faculdade de Agronomia e Veterinária
Examinador

Dra.RENATA SIMONI H. CARVALHO
Examinadora externa

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àqueles que enxergam num novo dia, uma nova oportunidade de recomeçar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Grandiosa Força Divina que dá vida a tudo e a todas as coisas. Agradeço a oportunidade de reconexão com a natureza e comigo mesma através da execução deste trabalho. Agradeço a minha querida família, pela base amorosa por todos esses anos e por contribuírem para que eu seja quem sou hoje, me dando a base para eu seguir os meus sonhos. Agradeço ao meu companheiro de caminhada, William, por todo amor inserido em mim, seja em forma de afeto, seja em forma de força. Agradeço por ser luz para as minhas ideias e por cultivar das mais belas flores no jardim do meu coração. Agradeço pelo direcionamento dado pelo meu orientador e por ter acreditado no desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço carinhosamente a minha coorientadora, Bruna, que me guiou nesse processo de pesquisa e me trouxe para dentro desse campo lindo. Agradeço aos meus amigos de longa caminhada: Rayssa, Átala, Halysson, Nathália, Petterson, Gabriella, Felipe e Laura. Sou grata pelo companheirismo e amizade por todos esses anos e pelo crescimento conjunto. Vocês são alicerces fortes que me sustentam. Agradeço aos amigos queridos que fiz na faculdade e que me motivaram e me deram forças para continuar: Luís, Eline, João Victor, João César, Thales, Thainá, Michelle, Caroline, Matheus, Larissa, Renato, Raquel, entre muitos outros. Agradeço carinhosamente aos seres de luz que a Fiocruz colocou em minha caminhada: Lucas, Flávio e Mayane. Gratidão imensamente pela força compartilhada e por me incentivarem, mais ainda, a continuar nesse caminho. Por último, agradeço a todos os desafios que superei durante toda essa caminhada, através deles cheguei onde estou.

EPÍGRAFE

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

RESUMO

Clube do Jardim: horta comunitária como meio de alfabetização ecológica através de uma comunidade de práticas agroecológicas e sustentáveis

O presente trabalho tem como objetivo compreender de que maneira uma horta comunitária, inserida no conceito de Comunidade de Práticas (CoP), se apresenta como uma estratégia promotora de processos de aprendizagem agroecológicos e sustentáveis que contribuem na alfabetização ecológica de atores das redes acadêmicas. Conceitua-se o Clube do Jardim como uma iniciativa colaborativa que visa oportunizar espaços de aprendizagem nas temáticas de Agroecologia e Sustentabilidade por meio de atividades de Agricultura Urbana desenvolvidas no formato proposto pelo conceito de CoP. Iniciado em 2016 na Fiocruz Brasília, o Clube constitui um espaço interdisciplinar que incorpora os princípios agroecológicos tanto numa perspectiva de alimentação adequada e na qualidade de vida no trabalho quanto na ressignificação da nossa relação com o ambiente que nos cerca. Com perspectiva qualitativa, o trabalho se caracteriza como uma narrativa de episódios marcantes nos espaços de aprendizagem que ocorreram em diferentes encontros do projeto. A escolha por esse caminho vem ao encontro do conceito de comunidade de práticas no que tange ao entusiasmo e envolvimento demandado das pessoas integradas nesta rede. A partir do reconhecimento de que as CoP são formadas por pessoas que se envolvem em processos de aprendizagem coletiva com esforços compartilhados, a proximidade dos participantes do projeto aos temas de agroecologia e sustentabilidade fortalece a integração entre os atores de forma espontânea, promovendo benefícios sociais, individuais e coletivos na proposição de espaços de formação coletiva que se inicia no corpo trabalhador da instituição e expande-se para o território, tornando-o mais saudável e sustentável.

Palavras-chave: Agroecologia, Comunidade de Práticas, Alfabetização Ecológica.

ABSTRACT

Garden Club: community garden as a medium of ecological alphabetization through a community of agroecological and sustainable practices

The present work aims to understand how a community garden, inserted in the concept of Community of Practice (CoP), presents itself as a strategy promoting agroecological and sustainable learning processes that contribute to ecological alphabetization of actors in academic networks. The Garden's Club is conceived as a collaborative initiative that aims to provide opportunities for learning themes of Agroecology and Sustainability through Urban Agriculture activities developed in the format proposed by the CoP concept. Started in 2016 at Fiocruz Brasilia, the Club is an interdisciplinary space that incorporates agroecological principles both in terms of adequate food and quality of life at work and in the re-signification of our relationship with the surrounding environment. With a qualitative perspective, the work is characterized as a narrative of remarkable episodes in learning spaces that occurred in different meetings of the project. The choice along this path meets the concept of community of practices that concerns the enthusiasm and involvement demanded of the people integrated in this network. Recognizing that CoPs are made up of people who engage in collective learning processes with shared efforts, the proximity of participants involvements on agroecology and sustainability issues strengthens integration among stakeholders spontaneously, promoting benefits social, individual and collective in the proposition of spaces of collective formation that begin among the working body of the institution and expands to the territory, making them more healthy and sustainable.

Keywords: Agroecology, Community of Practices, Ecological Alphabetization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Multirão realizado no Clube do Jardim. Fonte: Bruna de Oliveira, 2018..28

Figura 2 – Primeira sessão científica, Clube do Jardim. Fonte: Bruna de Oliveira, 2018.29

Figura 3 – Participantes da sessão científica, realizada no dia 07 de julho Fonte: Bruna de Oliveira, 2018.....30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AU	Agricultura Urbana
CoP	Comunidade de Práticas
PALIN	Programa de Alimentação, Nutrição e Cultura
PSAT	Programa de Promoção da Saúde, Ambiente e Trabalho

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS.....	15
2.1 Objetivo geral	15
2.2 Objetivos específicos	15
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	16
3.1 Comunidade de Práticas	16
3.2 Agricultura Urbana	19
3.3 Agroecologia	21
3.4 Alfabetização Ecológica	23
4 MATERIAL E METODOLOGIA	27
4.1 Ambiente do Estudo	30
4.2 Desenho do Estudo.....	30
4.3 Amostra	31
4.4 Coleta de Dados.....	31
4.5 Análise de Dados	32
4.6 Aspectos Éticos e Legais	33
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
6. CONCLUSÕES / CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
ANEXO(S).....	44

1 INTRODUÇÃO

“A crise ambiental é uma crise de conhecimento”, essa é uma das contribuições de Enrique Leff (2004) à sociedade ao propor uma possibilidade de caminho para um mundo verdadeiramente sustentável. O ambiente é a complexidade do mundo. A crise de conhecimento é uma crise civilizatória produtora de regras de pensamentos e comportamentos originários a crise ambiental (LEFF, 2002). Corroborando a essa discussão, Capra (2006), associa as expressões de crise ambiental a um processo de analfabetismo ecológico tendo em vista o modo de vida da sociedade moderna. Por esta razão, é por meio do saber ambiental que há oportunidades de construir uma nova racionalidade social. Ademais, há autores e autoras que refletem a importância de propor diferentes estratégias de transformação social por meio da alimentação (SCHNEIDER, CRUZ, MATTE, 2016).

A alimentação pode ser considerada um elemento estruturante para consolidação na vida social (MINTZ, 2001). Assim, o alimento possui um potencial elo de conexão entre diferentes dimensões da vida humana, como na política, economia e saúde (SCHNEIDER, CRUZ, MATTE, 2016). Pode-se inferir que o analfabetismo ecológico na alimentação caracterizar-se pela falta de informação das pessoas, especialmente em áreas urbanas, no que diz respeito aos processos e fluxos que compõem a cadeia de produção de alimentos (PROENÇA, 2010). Além disso, com a urbanização, tem-se notado que as pessoas não conseguem mais identificar algumas plantas, assim como desconhecem de práticas de cultivo das mesmas, devido ao distanciamento da natureza (LORENZI, KINUPP, 2014).

Nota-se que com o despertar do interesse dessa conexão, através do acesso à informação, alguns questionamentos vão surgindo como “de onde vem o alimento que consumimos?”, “quais os benefícios que uma alimentação saudável (orgânica, por exemplo) pode agregar às nossas vidas?”, entre outros pontos que dizem respeito ao acesso a uma alimentação saudável. Diante dessa realidade, nota-se a necessidade de articulação entre as comunidades, as entidades da sociedade civil, os movimentos populares e o poder público, a partir da criação de espaços de expressão, cooperação e de trocas de conhecimento acerca de questões socioambientais e educacionais (CAPRA, 2006).

A Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz, se insere na sociedade com o enfoque da promoção da saúde e do desenvolvimento social, a partir da geração e disseminação do conhecimento científico e tecnológico. A fundação promove a pesquisa nas áreas da saúde, sendo vinculada ao Ministério da Saúde. A mesma abrange o recorte da agroecologia como base importante para promoção da saúde. Ainda inserida na pauta referente a agroecologia como promoção de saúde, a instituição publicou, juntamente com a Associação Brasileira de Saúde Coletiva, um dossiê contra o uso de agrotóxicos. Através de estudos científicos, visou alertar tanto as autoridades públicas nacionais e internacionais quanto a sociedade em geral para a importância da criação de políticas públicas que possam proteger e promover a saúde humana e os ecossistemas (CARNEIRO et al., 2012).

Um dos projetos promovidos pela instituição é o Clube do Jardim - Comunidade de Práticas Agroecológicas e Sustentáveis, que surge em 2016 na Gerência Regional de Brasília – Fiocruz Brasília, com o objetivo da troca de experiências, aprendizagem e integração dentro do recorte de Comunidade de Práticas (CoP). Um dos direcionamentos do Clube é a conversação entre o saber agroecológico, com enfoque na alfabetização ecológica, a integração entre a comunidade e a ressignificação do espaço urbano.

Sendo assim, o presente trabalho visou analisar de que forma o Clube do Jardim, inserido no contexto de horta comunitária, pode ser um meio de alfabetização ecológica, tendo enfoque no conceito de Comunidade de Práticas (CoP), integrando práticas agroecológicas e sustentáveis desenvolvidas no projeto do Clube, a partir do compartilhamento de impressões por parte dos participantes da iniciativa. Para isso, descrevemos as práticas do Clube do Jardim entre os meses de junho a dezembro de 2018 buscando entender como essas práticas se colocam como estratégias de promoção da saúde, integração e alfabetização ecológica, além da construção de narrativas através da prática metodológica de grupo focal.

O trabalho também teve como enfoque descrever as experiências vivenciadas pelos participantes do Clube do Jardim, através da metodologia aplicada, assim como identificar as práticas que se caracterizam como processo de aprendizagem e, por fim, analisar as contribuições produzidas no projeto que estão inseridas no conceito de alfabetização ecológica.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender como uma horta comunitária urbana pode contribuir em processos de alfabetização ecológica.

2.2 Objetivos específicos

Descrever as experiências vivenciadas pelos/as participantes do projeto Clube do Jardim.

Identificar quais práticas e/ou experiências podem se caracterizar como processos de aprendizagem.

Analisar as contribuições produzidas no projeto do Clube do Jardim à luz do conceito de Alfabetização Ecológica.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Observa-se com o desenvolvimento urbano, o distanciamento da sociedade do meio rural, assim como a falta de informação quanto à origem de seus alimentos e a qualidade dos mesmos. Analisando a importância de um retorno para as práticas que envolvem o manuseio da terra, assim como a disseminação do saber sustentável e sua reflexão tanto a curto quanto a longo prazo na sociedade, o presente trabalho visa analisar os reflexos da integração da comunidade em um contexto pessoal, que envolve a interação a partir de um ponto em comum, segundo o conceito de Comunidade de Práticas, com a aplicação de práticas e conceitos agroecológicos.

Através da construção de um espaço que desenvolve a alfabetização ecológica, o estudo analisa os benefícios e a história de cada membro do Clube do Jardim para que sejam analisadas as contribuições que uma horta urbana, inserida nos conceitos acima e inserida no contexto de agricultura urbana, trazem tanto para a comunidade quanto para o ambiente de trabalho, já que a mesma está inserida nas dependências da Fiocruz Brasília.

Sendo assim, destrincham-se nesta primeira parte os conceitos que se fazem como base do projeto e do estudo: Comunidade de Práticas, Agricultura Urbana, Agroecologia e Alfabetização Ecológica.

3.1 Comunidade de Práticas

Para adentrar o conceito de Comunidade de Práticas, precisa-se, em primeira instância, compreender o conceito de comunidade. Segundo Sawaia (1996), a comunidade se faz presente na história das ideias, ou seja, “aparece e desaparece das reflexões sobre o homem e sociedade em consonância às especificidades do contexto histórico e esse movimento explicita a dimensão política do conceito, objetivado no confronto entre valores coletivistas e valores individualistas”.

Adentrando aos eixos do conceito, tem-se como base de construção o trabalho e a crença em comum. Vê-se a comunidade como fusão de pensamento e sentimento, da tradição e da ligação intencional, da participação e da vontade

(SAWAÍÁ, 1996). A mesma refere-se à relação que se endossa no sentimento do pertencer, sendo este alicerçado na existência do outro.

O conceito de “comunidade” também se apresenta dentro da vertente psicológica. Em 1904, Wundt, um psicólogo alemão, realizou estudo sobre psicologia dos povos, onde o conceito de comunidade surge como sinônimo de interação coletiva. Segundo ele, a “psicologia popular consiste nos produtos mentais criados por uma comunidade humana, que não se reduzem à consciência individual, pois pressupõem ações recíprocas de muitos indivíduos”. O produto da interação coletiva é o que mantém a unidade dos membros de uma nação (WUNDT, 1926; BARÓ, 1983). Portanto, o conceito de comunidade, dentro da psicologia, em tese, aparece com o objetivo de integração entre os indivíduos e grupos a partir da reconfiguração e transformação de atitudes.

A comunidade se apresenta como espaço de universalidade humana por se fazer como seio do movimento de recriação da existência coletiva. É um espaço onde fluem as experiências sociais vividas e se faz como ponto de partilha, capaz de auxiliar nas diversas formas de lutas coletivas e busca pela liberdade pessoal e igualdade do todo (SAWAÍÁ, 1996).

Os membros que fazem parte dessa relação comunitária, devem possuir fundamentos para que possam ser ouvidos e, além disso, terem capacidade argumentativa para colaborarem com a construção do consenso democrático. Os valores comunitários devem ser voltados para o desenvolvimento pessoal para, então, aflorarem em ação. Devem ser sentidos e pensados como necessidade do todo.

Estes espaços comunitários bebem de fontes que buscam o sentido mais profundo da dignidade humana, além da interação pelo meio em comum. Tendo como base o sentido de comunidade, o termo “comunidade de práticas” aparece para categorizar um recorte dentro desse âmbito, e traz a interação por um ponto em comum entre os membros como alicerce principal. Embora seja de prática antiga, foi ressaltado recentemente e oferece uma perspectiva sobre conhecer e aprender. Como um meio de desempenho, tem-se notado um aumento no número de pessoas e organizações que utilizam dessa prática (WENGER, 2015).

O conceito de Comunidade de Práticas (CoP) diz respeito ao agregado de pessoas que estão unidas através de um interesse em comum e que comungam dos saberes compartilhados através de práticas e experiências partilhadas, trazendo uma significação e/ou ressignificação para as suas vidas particulares e para a comunidade. Segundo Wenger (2015), três características são cruciais para contextualizar o conceito de comunidade de práticas:

1. O *domínio*: a CoP possui uma identidade definida por um interesse compartilhado. A comunidade visa uma competência compartilhada que distingue seus membros de outras pessoas, através da aptidão coletiva e do aprendizado conjunto.
2. A *comunidade*: na busca pelo interesse dos seus domínios, os membros se integram com o objetivo de desenvolver práticas e discussões, ajudando uns aos outros através do compartilhamento de informações acerca do enfoque central da comunidade. Essas práticas desenvolvem a integração de todos, através da construção de relacionamentos que os capacitam a ter um aprendizado em conjunto.
3. A *prática*: uma CoP não é meramente uma comunidade de interesse em comum. Membros de uma comunidade de práticas são praticantes. Eles desenvolvem uma compilação compartilhada de recursos acerca do que a comunidade busca. A combinação desses três pontos constitui uma comunidade de prática, e a partir do desenvolvimento desses elementos que se gera o conceito de comunidade.

Segundo Wenger (2015), a noção de CoP e sua conceituação mais ampla com enfoque na aprendizagem fornecem indicadores significativos para a prática. Sendo alguns desses indicadores:

1. A *aprendizagem está na relação entre as pessoas*: a aprendizagem está nas relações que unem os seres e organizam um ponto de conversação no qual algumas peças de informação assumam determinada relevância: sem relevância não há aprendizado e memória. O aprendizado se faz por meio das conversas e trocas entre os indivíduos.

2. *Os educadores trabalham para que as pessoas possam se tornar participantes de comunidades de prática:* os educadores têm como função a integração das pessoas dentro das comunidades de prática. Os mesmos precisam explorar como os seres podem participar dessas comunidades e quais os anseios coletivos. Os educadores não só têm participação no desenvolvimento das crianças, por exemplo, mas transferem o aprendizado das crianças aos adultos, tendo em vista que estes também aprendem com os pequenos.
3. *Existe uma conexão íntima entre conhecimento e atividade:* o aprendizado faz parte do cotidiano. Através dele podemos resolver problemas, tendo como experiência os erros anteriores. Cria-se o conhecimento com base nas situações vividas e compartilhadas, e este conhecimento se faz sólido para a construção e criação do processo de ação.

3.2 Agricultura Urbana

Através da análise de um retroativo histórico, percebe-se que a agricultura e o meio urbano sempre abrangeram relações afuniladas, principalmente no que diz respeito a delimitação de espaços. A área dominada pelo crescimento das cidades abarca o território que antes era voltado para atividades agrícolas. Deve-se conjecturar que, desde o surgimento das cidades, sempre houve o aproveitamento de espaços voltados para produção de alimentos (LOVO, 2011). Esses espaços produtivos dentro das cidades foram conceituados como agricultura urbana.

A Agricultura Urbana (AU) nasce de uma perspectiva interdisciplinar que tem como possibilidade a integração do olhar prático do cultivo e da criação no espaço urbano, que gera desafios como a implementação de práticas participativas. O recorte vem para possibilitar o entendimento sobre a aproximação entre o Estado e a sociedade civil das políticas públicas voltadas para a agricultura e que possuem potencial motivador para a mudança de valores e atitudes que fornecem o ele entre campo e cidade, entre a sociedade e o ambiente dentro dos espaços urbanos (LOVO, 2011).

Ao longo dos tempos, tem-se observado que sociedades e culturas diferentes tem inserido a agricultura intra e periurbana como prática de integração das ações urbanas. A agricultura intraurbana é realizada no interior das cidades, em espaços urbanos que podem ser usados para fins agrícolas. Já a periurbana é realizada nas periferias das cidades, tanto em áreas agrícolas que foram cercadas pelo meio urbano, quanto em áreas que ainda estão em desenvolvimento urbano (SANTANDREU, 2012).

Agricultura urbana ou agricultura intra-urbana e periurbana, em suma, diz respeito ao uso de pequenas áreas situadas dentro das cidades ou em suas periferias voltadas para a produção agrícola, sendo esta destinada para consumo próprio ou comercialização em mercados locais (SPOTLIGHT, 1999). Sua prática permite disponibilizar e aproveitar espaços domésticos para a produção de alimentos, plantas ornamentais, medicinais, entre outros (MACHADO, 2002).

A produção de insumos, originando de compostagem e húmus, a oportunidade de serviços assim como os surgimentos de pequenas agroindústrias, também estão inseridos no recorte da agricultura urbana. A produção é realizada por unidades familiares, cooperativas, microempresas, assim como empresas em grande escala (PAIT, 2008).

O sistema ecológico e econômico urbano proporciona a integração das potências locais, sejam elas a utilização de mão de obra local, o uso de recursos locais (água residencial, por exemplo), o estabelecimento de vínculos com entre produtores e consumidores e a geração de impacto no âmbito ecológico urbano (PAIT, 2008).

A prática de AU proporciona à valorização dos espaços limitados resididos por comunidades socialmente marginalizadas, com enfoque em uma produção voltada para o consumo próprio, beneficiando a diversificação da dieta dessas comunidades e possibilitando um aumento da disponibilidade de alimentos (WEID, 2004), assim como proporcionando o resgate da comunhão do ser humano com a biodiversidade natural e a agricultura (DE AQUINO; DE ASSIS, 2007).

O conceito de Agricultura Urbana se faz abrangente pela sua importância no suprimento dos sistemas de alimentação urbanos, sendo relacionado com a

segurança alimentar e o desenvolvimento da biodiversidade (MOUGEOT,2000). Segundo Mougeot, os principais elementos que definem a agricultura urbana são: os tipos de atividades econômicas desenvolvidas, as categorias e subcategorias dos produtos, características do local (se intraurbano ou periurbano), tipo da área onde essas atividades são praticadas, os sistemas de produção e destino dos produtos. Mougeot também caracteriza como principal diferença entre a agricultura urbana e rural, a integração entre o sistema econômico e urbano (definido por ele como “ecossistema” urbano).

A AU também tem efeito positivo na biodiversidade ao integrar diversas espécies da flora e fauna, incrementando iniciativas que desenvolvam as práticas agrícolas e ambientais de forma mais eficiente e sustentável, desde que interligadas aos processos de manejo do meio ambiente, fazendo a inclusão de fatores relacionados à ecologia e à biodiversidade (MACHADO, 2002). Um de seus desafios é obter o reconhecimento como significativo contribuinte tanto no recorte de segurança alimentar na cidade quanto para o desenvolvimento urbano sustentável.

3.3 Agroecologia

A agroecologia é um importante instrumento de efetivação de estratégias que viabilizam a produção agrícola em pequena escala, sob administração familiar, em função da baixa dependência de insumos externos de sistemas de produção preconizados que buscam manter ou recuperar a paisagem e a biodiversidade dos agroecossistemas (DE AQUINO; DE ASSIS, 2007). Em sua essência, baseia-se no manejo ecológico de recursos naturais, porém também busca a incorporação de aspectos sociais, coletivos e participativos dos grupos inseridos nesta iniciativa (THEODORO; DUARTE; VIANA, 2009).

Na agroecologia, a produção sustentável deriva do equilíbrio entre as plantas, o solo, os nutrientes, a luz solar e os diversos organismos coexistentes. Esse agroecossistema se torna mais produtivo e saudável através da conversação de todos esses fatores, implicando no desenvolvimento da resistência e tolerância das plantas as diversas adversidades (ALTIERI, 1998). O estudo da agroecologia se faz como fruto de uma profunda reflexão a cerca dos impactos socioambientais e econômico do modelo de desenvolvimento rural.

Rocha (2006), pontua agroecologia como uma representação de uma nova abordagem da agricultura e do desenvolvimento agrícola, que tem como fundamento o saber tradicional local da agricultura, que se alia a saberes e métodos ecológicos modernos. Já Guzmán (1997) diz que “a agroecologia se baseia no manejo ecológico dos recursos naturais que, incorporando uma ação social coletiva de caráter participativo, permita projetar métodos de desenvolvimento sustentável”.

O seio da agroecologia é bem definido por Caporal e Costabecer (2002) ao citarem que aquela se “alimenta de um novo paradigma de desenvolvimento, reconhecendo e nutrindo saberes, conhecimentos e experiências dos atores sociais que estão envolvidos no processo de desenvolvimento rural”. Esse desenvolvimento se faz, segundo os autores, através da incorporação do potencial endógeno e sociocultural, com o objetivo do avanço de patamares sustentáveis.

A prática agroecológica vem em contrapartida as ideias do modelo de implementação agrícola convencional, já que estas apresentaram-se fundamentalmente limitadas no que diz respeito a sua capacidade de promover desenvolvimento equânime e sustentável (ALTIERE, 2004).

A agroecologia foi definida como um novo paradigma produtivo, unindo técnicas, ciências e práticas para uma produção ecologicamente sustentável. Essas práticas nos remetem à recuperação de saberes tradicionais, a um passado no qual o humano era dono do seu saber (LEFF, 2002). Os principais efeitos destas práticas agroecológicas são a criação de cobertura vegetal, servindo como proteção para o solo; a sustentabilidade da produção e variedade constante dos alimentos; contribuição para a conservação do solo e dos recursos hídricos; fortalecimento dos controles biológicos; e o aumento da capacidade de uso múltiplo do território (THEODORO; DUARTE; ROCHA, 2009).

A agroecologia vai além da produção de alimentos que contribuem para a preservação do sistema agroecológico. Ela também tem como objetivo a busca proporcionar a revolução das prioridades rurais através da alta diversidade de elementos que irão garantir a base para as interações ecológicas que potencializarão um sistema sustentável (THEODORO; DUARTE; ROCHA, 2009).

Para o entendimento da agroecologia, deve-se fazer a análise de como as pessoas se relacionam e como se relacionam com o meio ambiente, de forma a tratar algo que requer um novo enfoque paradigmático, que é capaz de unir diferentes disciplinas científicas, com saberes tradicionais e descolonizados (CAPORAL, 2009).

A agroecologia sustenta o conceito de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) referenciado no Brasil pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), que mostra a sua definição como “a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais”. Entre suas diretrizes, tem -se a conservação da biodiversidade e a utilização sustentável dos recursos no processo de produção dos alimentos, a promoção da agricultura familiar e das práticas de Agroecologia (CONSEA, 2007).

3.4 Alfabetização Ecológica

Nota-se que com o aumento da urbanização, os laços entre o ser humano e a terra tem ficado cada vez mais estreitos. Isso se dá devido ao distanciamento do ser com suas origens, as práticas rurais e os saberes alimentares, passados entre gerações e que aos poucos vão se perdendo. Esse distanciamento se dá muitas vezes pela significação (ou falta dela) que o próprio ser humano dá para a terra, para seu alimento e para o meio em que vive.

Para que essa situação seja contornada, precisa-se desenvolver um novo significado de interação do ser humano com a terra, e a busca por comunidades sustentáveis é um bom caminho. Não há necessidade da criação de comunidades sustentáveis do zero, basta nos basearmos pelas sociedades que se sustentaram por séculos (CAPRA, 2006).

Segundo Capra (2006), uma comunidade sustentável precisa ser estruturada de tal maneira que os seus estilos de vida, tecnologias e instituições sociais apoiem, respeitem e cooperem com a capacidade intrínseca de manter a vida, e tem-se como primeiro passo para essa constituição o saber pormenorizado de como a natureza sustenta a teia da vida.

Para que essas comunidades sustentáveis se desenvolvam, é preciso que sejam inseridos os contextos de educação ambiental. O artigo 1º da lei 9.795/99 (lei do meio ambiente) defini educação ambiental como sendo os “processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimento, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sustentabilidade” (DIAS; DIAS, 2018).

O conceito de educação ambiental insere os atores ao ponto de valorização dos valores coletivos e do meio em que se vivem, já que insere o sentimento de pertencimento e prática, de maneira sustentável, ao cotidiano e relações. Esta definição vem se inserindo nos órgãos do governo, nas escolas, nos colégios e universidades (CAPRA, 2006). Entretanto, visa-se a importância de uma transformação mais profunda neste conceito, de modo que esta educação seja mais abrangente e se encaixe no termo de alfabetização.

A educação para uma vida sustentável se insere como uma pedagogia que ensina os princípios básicos da ecologia e, insere com eles, um profundo respeito pela natureza viva, por meio de uma abordagem multidisciplinar baseada na experiência e na participação. A educação para uma vida sustentável é um estímulo tanto para a compreensão intelectual dos princípios de ecologia como para a criação de vínculos emocionais com a natureza (CAPRA, 2006).

Alfabetização ecológica, em seu conceito, conversa com os conceitos de educação ambiental e desenvolvimento sustentável. Ambos tratam da importância de reconhecer as ações humanas como geradoras das situações que irão desencadear no futuro, e pregam a implementação de práticas ecológicas de modo a refazer e desconstruir os vícios criados pela degradação ambiental (seja ela no meio material, seja ela inserida no campo das ideias). O conceito de alfabetização ecológica nutre a importância do entendimento do funcionamento dos ecossistemas já que, uma horta para este conceito, por exemplo, vai muito mais além de manter um local de cultivo sem o uso de agrotóxicos, mas se faz como local de observação dos fluxos e ciclos dos ecossistemas (CAPRA, 2006).

Para o entendimento da alfabetização ecológica é preciso compreender a teia da vida (termo definido por Capra). Esta é o reconhecimento de que as redes

formam o padrão básico de organização dos seres vivos, sejam essas redes o conjunto de pequenos organismos ou de vários ecossistemas (CAPRA, 2000). A visão da teia da vida diz respeito a organização dos sistemas em suas mais variadas escalas, e tem como objetivo a compressão de como esses sistemas conversam entre si e com o todo. O âmbito filosófico sensorial desta percepção tem como foco que os seres humanos possam compreender como esses ecossistemas se movimentam de modo a se enxergarem inseridos no mesmo. Esta percepção faz com que se compreenda a importância de práticas que possam conversar com o conceito de ecologia e sustentabilidade, já que estas duas são chaves que movem os ciclos da vida.

Alfabetização ecológica tem como um dos focos o reconhecimento de que o desequilíbrio dos ecossistemas é gerado, primeiramente, por um desequilíbrio anterior do campo mental, em resumo, a crise ecológica começa na crise educacional. O intuito da alfabetização não se dá, então, em adquirir conhecimento em matérias específicas, e sim instaurar ligações entre a cabeça, a mão, o coração e a capacidade de reconhecer os sistemas (CAPRA, 2006).

No livro “Alfabetização Ecológica” de Capra (citado nas referências), para que o conceito de alfabetização seja alcançado em sua essência é preciso que se tenha executado “O Processo das Quatro Sociedades”. Este processo é listado pela autora Jeannette Armstrong, que o define como saber tradicional de seu povo. Os pontos desse processo são:

1. *Visão*: seria a visão a longo prazo. Esta visão concentra-se num futuro sustentável por meio da construção de novas ideias.
2. *Tradição/Lugar*: preservação dos modos de vida tradicionais que são ameaçados pelo desenvolvimento.
3. *Relação*: é o impacto das decisões sobre as pessoas. Diz sobre a integração da comunidade para o provimento da saúde de todos. Essa visão insere a importância dos atores se conhecerem e cuidarem uns dos outros.
4. *Ação*: são os resultados obtidos através da ação da comunidade.

Esses processos se fazem como ferramentas conceituais para que os atores, no campo do pensamento, consigam enxergar os sistemas em sua totalidade. Essas

perspectivas mostram como essa correlação mantêm as ligações dos sistemas fortes e saudáveis, obtendo sociedades sustentáveis (CAPRA, 2006).

4 MATERIAL E METODOLOGIA

4.1 Ambiente do estudo

A Fundação Oswaldo Cruz – Brasília nasceu em 1976 devido a necessidade de uma instância que pudesse abarcar com o início da abertura política e da constituição do movimento de Reforma Sanitária. Em 2010, inaugurou-se o primeiro prédio da instituição dentro do campus da Universidade de Brasília. Em um âmbito geral, a Fiocruz tem como objetivo a promoção da saúde e do desenvolvimento social, que se dá através do desenvolvimento de pesquisas científicas e tecnológicas que visam a qualificação dos recursos humanos do Sistema Único de Saúde (SUS).

Assim, a Fiocruz Brasília vem acompanhando algumas experiências de governança territorial, como as Redes Sociais Locais do Distrito Federal (DF). A Agricultura Urbana (AU) vem se constituindo como outro espaço importante de governança territorial e estabelecimento de vínculos entre as pessoas e o território, dentro das várias experiências de hortas comunitárias urbanas do DF. O trabalho com a terra resgata conhecimentos milenares e ensina uma série de valores positivos: a partilha, a escuta do próximo, o cuidado com o planeta e o respeito pela vida (DA SILVA, 2017).

Com base nessas reflexões e considerando o contexto nacional, surgiu em 2016 na Gerência Regional de Brasília – Fiocruz Brasília, o projeto intitulado Clube do Jardim - Comunidade de Práticas Agroecológicas e Sustentáveis com o objetivo de troca de experiências, aprendizagens e integração dentro do recorte proposto por Etienne e Beverly Wenger-Trayner (2018) no conceito de Comunidade de Práticas (CoP) associando-o aos temas de agroecologia e sustentabilidade.

O projeto do Clube do Jardim nasceu da vontade da criação de uma horta comunitária pelos atores inseridos na instituição e que se concretizou na semana de Ciência e Tecnologia, quando decidiram sobre a implantação de um jardim comestível dentro da entidade de pesquisa e ensino.

Em junho de 2018 me insiro na Fiocruz como trabalhadora voluntária, me integrando ao projeto do Clube do Jardim. Estive presente em três multirões de manejo e poda do jardim. A quantidade de pessoas presentes nos dias de multirão variava: em um dos multirões contamos com a presença de uma professora da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária na UnB. Neste dia haviam cerca de 20 pessoas e todos estavam muito animados com a movimentação no Clube. Foi um dia de muito aprendizado, no qual pudemos aprender sobre a identificação e o manejo de algumas PANC (Plantas Alimentícias Não Convencionais). Estive também nas sessões científicas organizadas, totalizando quatro sessões até dezembro, quando se encerrou o meu trabalho.



Figura 1 - Multirão realizado no Clube do Jardim. Fonte: Bruna de Oliveira, 2018.

Na primeira sessão científica, realizada no dia 21 de junho, discutimos o conceito de CoP, baseado nos artigos propostos sobre o tema. Primeiro, foi realizada uma breve introdução sobre o que seria o conceito de CoP através da dinâmica denominada “Quem sou eu”, com uma apresentação. Para a realização dessa dinâmica, foram definidos três tópicos os quais eram: dizer quem é você, relatar três coisas que gosta e três coisas que não gosta.

Após esse primeiro momento, foi discutido entre os participantes o conceito de CoP e o que seria uma Comunidade de Práticas Agroecológicas e Sustentáveis. Cada integrante apresentou sua resposta de acordo com os materiais passados para estudo sobre comunidade de práticas, agroecologia, entre outros. Nas

respostas apresentadas sobre o que é comunidade de prática, foram citadas algumas definições que seriam: o compartilhamento de aprendizagens; prática + integração + conhecimento gerando assim mudanças; espaço de aprendizagem entre pessoas com interesses convergentes. Sobre o porquê de uma CoP agroecológica e sustentável, foram apresentadas respostas que seriam: para ter uma maior alfabetização ecológica, soberania alimentar, aproximação da natureza, benefícios para a comunidade, utilização de método que não prejudique o meio ambiente, ajudar as pessoas em situação de insegurança alimentar, ensinar práticas adequadas, resgate da natureza, aprendizado organizacional.



Figura 2 - Primeira sessão científica, Clube do Jardim. Fonte: Bruna de Oliveira, 2018.

Na segunda sessão científica, realizada no jardim da Fiocruz no dia 7 de julho, na qual contamos também com a presença de duas representantes do Grupo de Trabalho Nossa Brasília, discutimos sobre a importância e a representatividade das hortas urbanas no Distrito Federal. Foi utilizada como base teórica o Trabalho de Conclusão de Curso da Jaciane Lopes Pereira – Hortas Urbanas comunitárias em Brasília-DF, do curso em Gestão Ambiental da UnB – Planaltina, assim como um capítulo do livro “Teia da Vida” de Fritjof Capra, que discorria sobre o tema de alfabetização ecológica. As representantes do GT contribuíram com relatos acerca das experiências relacionadas as hortas urbanas no Distrito Federal, identificada no

trabalho da Jaciane, além de proporem a expansão deste projeto para as regiões administrativas do DF.



Figura 3 - Participantes da sessão científica, realizada no dia 07 de julho. Fonte: Bruna de Oliveira, 2018.

A terceira sessão científica aconteceu no dia 14 de agosto e foi direcionada para a discussão dos trabalhos que estavam sendo desenvolvidos e que foram apresentados no 3º Congresso Internacional de Agricultura Urbana e Sociedade. Neste dia discutimos sobre a metodologia de observação participante e grupo focal. Já na quarta sessão científica, que foi realizada no dia 12 de setembro, contamos com a presença do hortelão urbano Juarez Alvez, que contou toda a sua experiência e vivência dentro do recorte de hortas urbanas.

O Clube do Jardim, além de ser um espaço de aprendizado e interação, se fez como projeto de extensão e pesquisa. Se intencionou desenvolver uma pesquisa para analisar se o referencial teórico, ao qual o Clube do Jardim mergulha, é realmente vivenciado pelos participantes. Um exemplo de trabalho científico, como citado acima, foi o artigo intitulado “Clube do Jardim: Estratégias de Alfabetização Ecológica Por Meio de Uma Comunidade de Práticas Agroecológicas e Sustentáveis”, o qual foi apresentado no 3º Congresso Internacional de Agricultura Urbana e Sociedade, que ocorreu em Porto Alegre no período de 17 a 21 de setembro de 2018.

4.2 Desenho do estudo

O presente trabalho trata-se de um estudo qualitativo, que foi desenvolvido a partir de narrativas construídas através de grupo focal, formulário auto preenchido

(ANEXO 1) e observações participantes. Através dessa metodologia, aprofundou-se o olhar para as vivências, histórias e perspectivas dos atores inseridos no Clube do Jardim, que se encontra no espaço da Fiocruz Brasília.

4.3 Amostra

O recorte das análises e observações foi feito a partir dos atores inseridos no Clube do Jardim, que aceitaram participar e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO 3) sendo eles tanto trabalhadores da Fiocruz Brasília quanto membros da sociedade civil, caracterizando esse fato como critério de inclusão.

4.4 Coleta de dados

Para a análise das experiências e coleta de dados foi desenvolvido um formulário online no Docs do Google Drive, de cunho anônimo constituído por cinco perguntas abertas e não obrigatórias (ANEXO 1), e que foi compartilhado nos grupos no qual estão inseridos os participantes do Clube do Jardim. Este formulário conteve seis respostas que foram transcritas em narrativas (ANEXO 1). Para agregar as partilhas expostas no formulário e aprofundar os relatos, adentrou-se a metodologia de grupo focal, com o intuito de recolher, além de experiências, sentimentos e reações. O grupo foi composto por 5 pessoas, além do observador, e teve duração de 55 minutos. Foram feitas quatro perguntas durante o grupo focal com a intenção de guiar a conversa. As perguntas e as narrativas compartilhadas estão no ANEXO 2.

Além do direcionamento focado, foi feita uma análise de memórias do Clube, assim como uma observação do contato diário dos membros que ali estão imersos.

4.5 Análise de dados

Os dados foram analisados a partir dos registros do Clube do Jardim, assim como das narrativas do Grupo Focal e das vivências compartilhadas via formulário.

Para a análise das entrevistas e do grupo focal foi utilizada a metodologia qualitativa e a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Portanto, esta pesquisa tem um referencial qualitativo e a proposta de alcançar uma compreensão particular e aprofundada do fenômeno. Este estudo é exploratório e descritivo. A pesquisa qualitativa responde a questões particulares e se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Seu universo de investigação (motivos, crenças, valores e atitudes) corresponde a um espaço mais profundo dos processos, relações e fenômenos e não pode ser reduzido e operacionalizado por variáveis (MINAYO, 2008).

Os formulários e as falas do grupo focal foram transcritos e inicialmente classificados em categorias pré-definidas de acordo com os objetivos específicos. Cada subcategoria foi analisada seguindo-se a técnica de análise de conteúdo. Essa modalidade consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem as falas, cuja presença, ou frequência de aparição, pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido (BARDIN, 1977). Este instrumento metodológico possuiu três fases: pré-análise, seleção das unidades de análise e processo de categorização (BARDIN, 1977).

A primeira fase como uma pesquisa de exploração prévia da literatura e das entrevistas; estas últimas gravadas digitalmente e transcritas na íntegra. Foi feita uma leitura flutuante dos discursos dos sujeitos, o que, segundo Bardin (1977), tem como objetivo estabelecer contato e conhecer o texto, buscando impressões e orientações, e apreender, de uma maneira total, as ideias principais e os significados gerais.

Seguindo-se a técnica de Análise de Conteúdo, foi realizada, inicialmente, uma leitura vertical de cada narrativa, buscando-se apreender não só o conteúdo como também a sua lógica. Em seguida, mediante leituras horizontais, foram colocados os depoimentos um ao lado do outro para se identificar os principais aspectos das falas (MINAYO, 2006). Na terceira fase, a categorização foi feita de acordo com a classificação de elementos constitutivos, por reagrupamento e critério de categorização lógico-semântica (categorias temáticas) (BARDIN, 1977).

Na segunda fase, foram selecionadas as unidades de análise (ou análise de significação). Os discursos foram recortados e agrupados em unidades de categorização para análise temática.

4.6 Aspectos Éticos e Legais

Os dados de todos os participantes foram mantidos em sigilo, assegurando a confidencialidade e a privacidade dos envolvidos na pesquisa. O presente trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Fiocruz – Brasília, gerando CAAE 97513318.7.0000.8027.

Os riscos desta pesquisa foram mínimos, sendo um possível risco o constrangimento do participante durante a execução dos Grupos Focais. Para se evitar esse risco o participante teve a opção de se retirar do grupo no momento do constrangimento ou desistir de colaborar para a pesquisa sem nenhum tipo de prejuízo ou julgamento.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa pesquisa teve como benefício compreender o retorno que uma comunidade de práticas agroecológicas e sustentáveis dentro do contexto de alfabetização ecológica gera ao ambiente de trabalho e a comunidade.

Através das impressões proporcionadas pelo formulário e o grupo focal, viu-se que o Clube acessa os 4 processos inseridos no conceito de alfabetização ecológica (*visão, tradição/lugar, relação e ação*), atingindo mais um resultado: se faz como espaço de aprendizado ecológico. O conceito de visão se faz presente através da importância do cuidado do local onde vivemos, assim como da inserção de práticas sustentáveis e do compartilhamento de saberes ecológicos. A *tradição/lugar* se fomenta com a perpetuação dos saberes tradicionais através da construção de um espaço de compartilhamento dos mesmos. A *relação* se faz como um ponto forte, já que o alicerce do projeto é a interação entre os participantes e a comunhão de experiências coletivas. Por último, a *ação* nasce dos momentos de perpetuação da prática, seja pela colheita ou pelo aprendizado adquirido.

Os momentos que marcam as vivências dentro do projeto do Clube e exemplificam os conceitos de comunidade se dão pela participação cooperativa dos atores inseridos durante o preparo da terra. Essa vivência se caracteriza como uma espécie de ritual de passagem que possibilita a união de todos os colaboradores e o aprendizado coletivo, propiciando tanto a aproximação dos colegas inseridos no mesmo meio de trabalho quanto a criação de afeto com atuantes externos, possibilitando a construção de pontes de saber entre os diversos membros, inserindo-se no processo de *relação*. Sendo assim, o Clube se constitui como um projeto que possibilita a re-união entre os colaboradores da instituição, a integração e reconexão com a natureza, o que promove o bem-estar e a saúde, e um local de aprendizado ecológico na perspectiva de criação de um campo de pesquisa de estudos de extensão dentro da própria instituição. O projeto também é um espaço de contato com práticas agroecológicas e sustentáveis, tendo em vista que nos remete à recuperação dos saberes tradicionais (LEFF, 2002).

As práticas agroecológicas nos direcionam ao reconhecimento da integração das plantas com o espaço, assim como nos fixam no sentido da nossa existência e

nas relações com as outras pessoas. Em contrapartida, notamos com a urbanização, o afastamento do ser humano do contato com a terra e dos meios de produção de alimentos, o que nos faz refletir sobre a importância do retorno do homem a interação com o meio, de maneira sustentável, através da reeducação ecológica. Sendo assim, o projeto do Clube se faz como espaço de troca de saberes promovendo práticas como mutirões de plantio e poda, rodas de conversa, etc, que visa a integração dos atores inseridos (*ação*), atingindo mais um dos objetivos: o Clube promove práticas e experiências que se caracterizam como processos de aprendizagem.

Um dos atores do Clube, durante o grupo focal, relatou como um momento marcante o seu primeiro contato com a horta, no qual ajudou com o manejo de poda e pode conhecer mais de perto as plantas presentes: “me sujei todo de barro e bebi citronela achando que era capim santo”. Ele relatou que após esse caso, foi pesquisar mais sobre as diferenças entre citronela e capim santo. No outro dia, foi até a horta, recolheu umas folhas e mostrou para algumas pessoas do Clube. Relatou também que essa experiência trouxe um grande aprendizado e que agora saberá identificar ambas as plantas. Essa vivência se insere no processo de *ação*.

Um dos resultados obtidos pela pesquisa foi que o Clube do Jardim se faz como espaço de integração dos participantes, por meio do conceito de Comunidade de Práticas. Em vários momentos pode-se observar a felicidade dos atores ao relatarem as vivências dentro do Clube, assim como a interação entre os mesmos. Muitas histórias proporcionaram lembranças afetivas e risadas, podendo captar um dos benefícios que o projeto ocasiona: integração dos participantes.

Tendo em vista o conceito de Comunidade de Práticas, o Clube se caracteriza como uma CoP por reunir tantas pessoas da sociedade civil, da rede acadêmica e parceiros externos como do Grupo de Trabalho de Agricultura Urbana do movimento Nossa Brasília, entre outros. A interação entre os integrantes é um dos pontos mais marcantes dentro das vivências do Clube. É um momento no qual os trabalhadores/as da instituição quebram a rotina e constroem um instante de interação entre os colegas de trabalho. Esses momentos são importantes, pois mudam a visão que se tem do meio de trabalho e transformam a rotina em algo confortável e prazeroso (*relação*).

Logo após o ciclo de plantio e observação do desenvolvimento das plantas, vem o momento da colheita, onde é nutrida a aproximação do membros com os ciclos das plantas, despertando o sentimento de união e alegria entre a comunidade, ao notar que o trabalho de todos contribuiu para o desenvolvimento de um espaço gerador não só de alimentos saudáveis, mas de conhecimento sustentável. Esse momento foi celebrado a partir da partilha de uma das pesquisadoras da instituição, que trouxe um resgate histórico de como os grupamentos humanos sempre celebravam suas colheitas e que muitas festas que celebramos nos dias de hoje tem como origem os tempos de plantio e colheita (*tradição/lugar*).

Outra situação marcante dentro das atividades do Clube, foi a colheita de algumas cenouras que foram plantadas em um dos mutirões. Ver o desenvolvimento da planta, aguardar a hora certa de colher, compartilhar a colheita... levar para casa algo que todos contribuíram para existir contribui para o despertar de que todos podem viver em sincronia com a natureza, a partir do impulso motivador do aprendizado ecológico (*visão*).

Alguns atores, durante o grupo focal, relataram que o momento inesquecível do Clube foi quando houve o plantio de um dos lados da mandala da horta (já que a horta foi configurada em desenho de mandala). Eles relataram que várias pessoas participaram e que cada um trouxe uma muda e ajudou a plantar. Nesse dia puderam conhecer várias outras espécies de plantas, assim como aprenderam métodos de plantio diferentes: Um deles disse: “eu me lembro que uma das pessoas fazia uma bomba de sementes e eu não conhecia esse termo e ele falou que a gente joga as sementes e vê o que dá, que quem decidir subir, sobe, a natureza que decide, então não sabemos o que vai vir. Isso foi muito marcante para mim, foi um momento de descoberta”.

Um outro relato marcante foi o da presença de “moradores” nas plantas. No momento de um manejo de poda, os participantes encontraram um ninho de passarinho no meio de um manjeriço. Relataram que depois de um tempo alguém havia amarrado o manjeriço, já que o mesmo estava tombando. Ficaram preocupados com o ninho que estava escondido e com o difícil acesso que a mãe dos filhotes teria. Depois de um tempo perceberam que os passarinhos não estavam mais lá, então perguntaram para as pessoas que frequentam o local se sabiam do

paradeiro dos mesmos e disseram: “fui pegar informações com as pessoas que frequentam, o pessoal da limpeza que fica próximo se eles tinham visto o ninho de passarinho. Eles falaram: “papa capim?!”. Eles já sabiam qual era e falaram que eles já voaram, mas que ainda estão por perto”. Os participantes relataram que fizeram um cartaz e uma das filhas de uma participante desenhou um ninho com os passarinhos voando e com ovinhos para avisar que tinham passarinhos naquela área.

O manuseio da terra em espaço público faz com que aflore um sentimento de pertencimento ao meio, de integração, cuidado com o espaço em que vivemos. Através do compartilhamento de conhecimentos por meio da interação do grupo, cria-se um vínculo com o espaço em que se vive. “Aqui é como se fosse o quintal da minha casa, não sinto como se estivesse mexendo numa área pública”, descreveu uma participante, durante o grupo focal, se referindo ao espaço do Clube.

O Clube proporciona o sentimento de pertencimento ao meio, pelos participantes. A extensão da noção que temos de casa faz com que se crie um pertencimento maior na cidade, já que fazemos parte de uma sociedade que se relaciona com pessoas e os jardins que estão em volta também são uma expressão desse relacionamento, e fazem parte da unidade coletiva. Isso aumenta a importância de se criar um vínculo com a cidade, de cuidar melhor da mesma, de não poluir, e isso se dá a partir do desenvolvimento de uma consciência ambiental e coletiva.

Com as práticas dentro do Clube do Jardim, os participantes puderam aprender mais sobre as diversas plantas, seu manejo e a importância de cultivar e manter um ambiente sustentável. Uma atora com mais experiência sobre agricultura urbana compartilhou saberes com o grupo, sendo esses compartilhados entre outros integrantes e até mesmo com a comunidade externa. Um dos participantes contou que, quando mais novo tinha um contato maior com hortas por morar em interior e essa era uma prática comum. Devido as mudanças de cidades perdeu esse contato, que foi retomado após a vivência com o Clube. O mesmo cita a importância de se ter plantas em casa e diz que tem interesse em aprender mais sobre plantio e manejo das plantas para poder aplicar o conhecimento em outros lugares (*tradição/lugar*).

As experiências com o Clube resultam tanto em conhecimento prático quanto despertam memórias afetivas. Uma participante relatou que toda vez que entra em contato com a arruda do jardim, lembra de sua avó, que cultivava arruda em casa assim como outras plantas medicinais. Em um outro momento, houve um encontro de benzedadeiras na instituição e uma benzedeira colheu algumas ervas no jardim para benzer as pessoas que estavam ali. Esses momentos contribuem para o despertar de saberes ancestrais através da promoção do afeto e cuidado com a terra (*tradição/lugar*).

A interação entre os participantes, a troca de experiências e conhecimentos práticos faz com que o Clube do Jardim seja um meio de alfabetização e aprendizado ecológico, tanto o pelo conhecimento de manejo da horta quanto pelos saberes compartilhados e pela ressignificação do espaço em que vivências, a partir da visão da interação dos ecossistemas e do pertencimento nos mesmos.

6. CONCLUSÕES / CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Clube do Jardim visa a integração de indivíduos do meio acadêmico e do meio externo que estão à procura do saber ecológico através da troca de conhecimento coletivo, e se faz presente como espaço interdisciplinar que incorpora tanto os princípios de alfabetização ecológica quanto ressignifica a interação com o ambiente que nos cerca.

O espaço do Clube proporciona o sentimento de pertencimento ao meio como um todo, fazendo com que o mesmo sentimento de lar seja expandido para o espaço de trabalho, além de promover momentos de interação entre o corpo da instituição e a comunidade externa, criando uma rede de compartilhamento de histórias e vivências, através do manuseio com a terra.

O projeto do Clube pode se fazer como incentivo para que outras instituições, sejam elas públicas ou privadas, possam aplicar essa mesma dinâmica, tendo em vista os benefícios sociais que ultrapassam as barreiras da execução da função de trabalho apenas como obrigação, podendo proporcionar o sentimento de integração social e pertencimento do meio, gerando prazer na execução das tarefas do dia a dia.

O projeto se constitui como um espaço de aprendizagem para pessoas que buscam realizar ações mais sustentáveis no seu cotidiano, além de promover a ampliação do acesso de plantas aromáticas e medicinais na rotina da comunidade trabalhadora da instituição.

Apesar dos inúmeros pontos positivos e experiências benéficas construídas em conjunto, constatei que ainda existe uma barreira com a interpretação das pessoas que estão fora do projeto. Mesmo boa parte da instituição aceitando o projeto, algumas pessoas ainda o enxergam como fuga (no sentido maléfico) do trabalho. Essa é uma visão de como as coisas são organizadas, se tornando tudo muito burocrático e cheio de procedimentos e processos que engessam as pessoas. Muitas pessoas têm essa ideia de que o local de trabalho não é um local de prazer. Quando há a promoção de atividades que fujam da rotina, algumas pessoas não conseguem enxergar com bons olhos. Quando se pretende promover a interação social, como é o caso do projeto do Clube do Jardim, precisa-se fazer um movimento

hercúleo para que as pessoas compreendam que aquele processo contribui para uma melhora nas relações de trabalho, na interação do coletivo e nas próprias funções como trabalhador, podendo ocasionar em maior produtividade o trabalho de forma livre.

Dentro do recorte da Agronomia, o espaço do Clube se faz como um meio de atuação de práticas agroecológicas e sustentáveis, além de proporcionar a visão e o entendimento de como as pessoas que estão fora desse meio, interagem com essas práticas. O projeto proporciona para a profissão, um entendimento social dentro da matéria da terra. Como graduanda e trabalhadora voluntária, pude conhecer um outro modo de aplicação da ciência, modo esse que não é discutido nem observado na academia.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, M. H. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

_____. **Reservas extrativistas: uma proposta de desenvolvimento da floresta amazônica**. Curitiba, 1987. (mimeo).

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAPORAL, F. R. et al. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília: MDA/SAF, 2009.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. 9 ed. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 2000.

_____. **Alfabetização ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável**. 1 ed. São Paulo, SP: Editora cultrix, 2006.

CARNEIRO, F. F.; PIGNATI, W.; RIGOTTO, R. M.; AUGUSTO, L. G. S.; RIZOLLO, A.; FARIA, N. M. X.; ALEXANDRE V. P.; FRIEDRICH, K.; MELLO M. S. C. **Dossiê da ABRASCO: Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Rio de Janeiro: ABRASCO, 30 abril de 2012. 1ª. Parte, 98p.

CARSON, R. **Primavera Silenciosa**. São Paulo, Gaia Editora, 2010, 328p.

CONSEA. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea). In: **I Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**. 2007.

CRUZ, F. T. da; MATTE, A.; SCHNEIDER, S. **Produção, consumo e abastecimento de alimentos: desafios e novas estratégias**. 1 ed. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2016.

DA SILVA, F. R. **Clube do Jardim - Comunidade de Práticas Agroecológicas e Sustentáveis**. In: REUNIÃO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. RAIC. 25 ed., 2017, Brasília, DF, Relatório de Conclusão de Estágio: Fundação Oswaldo Cruz, 2017.

DE AQUINO, A. M.; DE ASSIS, R. L. Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia. **Ambiente & Sociedade**, v. 10, n.1, p. 137-150, 2007.

DIAS, A. A. S.; DIAS, M. A. O. **Educação Ambiental: a agricultura como modo de sustentabilidade para a pequena propriedade rural**. Revista de Direitos Difusos. Vol. 68, n 1. 2018.

DOSSIÊ ABRASCO - **Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Parte 1 - Agrotóxicos, Segurança Alimentar e Nutricional e Saúde. CARNEIRO, F. F.; PIGNATI, W.; RIGOTTO, R. M.; AUGUSTO, L. G. S.; RIZZOLO, A.; FARIA, N. M. X.;

ALEXANDRE, V. P.; FRIENDRICH, K.; MELLO, M. S. C. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2012.

FIOCRUZ. **Fiocruz** **brasília.** Disponível em: <<https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/perfil-institucional-0>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

INFED. **Jean Lave, Etienne Wenger and communities of practice.** Disponível em: <<http://infed.org/mobi/jean-lave-etienne-wenger-and-communities-of-practice/#comms>> Acesso em: 10 jul. 2018.

KINUPP, V.F; LORENZI, H. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil:** Guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas. Instituto Plantarum de estudos da Flora, São Paulo, 2014.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável.** v. 3, n. 1, p. 36-51, 2002.

_____. **Saber Ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LOVO, I. C. **Agricultura urbana:** um elo entre o ambiente e a cidadania. 2011. 292 p. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis – SC, 2011.

MACHADO, A. T.; MACHADO, C. T. T. **Agricultura Urbana.** - Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2002. 25 p. - (Documentos/ Embrapa Cerrados, ISSN 1517-5111; 48).

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 27 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

_____. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

MINTZ, S. W. **Comida e antropologia:** uma breve revisão. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 16, n 47. 2001.

MOUGEOT, L. J. A. Urban agriculture: definition, presence, potentials and risks. In: BAKKER, N; DUBBELING, M.; GUNDEL, S.; SABEL-KOSCHELLA, U.; ZEEUW, H. (Ed.). **Growing cities, growing food:** urban agriculture on the policy agenda. Feldafing: Deutsche Siffung fur Internationale Entwicklung, 2000. p. 1-42.

PAIT, S. Definiciones conceptuales básicas: agricultura urbana y conceptos de género. **Equidad de Género en La Agricultura en Ciudades de América Latina y El Caribe.** Lima, Perú. 2008. (Cuaderno de Agricultura Urbana n 3).

ROCHA, E. J. L. P.; THEODORO, S. H. Fertilização organomineral para acelerar o desenvolvimento de agroflorestas sucessionais. **Cadernos do CEAM**. Brasília: UnB, 2006. P. 231-250.

SANTANDREU, A. **La ciudad no asfaltada**: contribuciones de la agricultura urbana al desarrollo sostenible del futuro. ECOSAD, Peru. Documento avulso. 2012.

SAWAIA, B.B. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a Humanidade. In: SAWAIA, B.B. (Org.). **Psicologia Social Comunitária**: da solidariedade à autonomia. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 35-55.

SCHNEIDER S.; CRUZ, FT.; MATTE, A. Estratégias Alimentares e de abastecimento: desafios e oportunidades para as cidades e para o meio rural. In: CRUZ, FT.; MATTE, A.; SCHNEIDER S. **Produção, consumo e abastecimentos**: desafios e novas estratégias. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2016.

SPOTLIGHT urban food marketing. **FAO Newsletter**. Rome, 1999.

TERRAPIA. **Alimentação viva na promoção da saúde e ambiente**. Disponível em: <<https://www.terapia.com.br/sobre-nos>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

THEODORO, S. H.; DUARTE, L. G.; VIANA, J. N. Agroecologia: um novo caminho para a extensão rural sustentável. In: THEODORO, S. H.; DUARTE, L. G.; ROCHA, E. L. **Incorporação dos princípios agroecológicos pela extensão rural brasileira**: um caminho possível para alcançar o desenvolvimento sustentável. Rio de Janeiro – RJ: Garamond, 2009. P. 19-35.

WEID, J. M von der. **Agroecologia**: condição para a segurança alimentar. *Agriculturas - Experiências em Agroecologia*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 0, p. 4-7, 2004.

WENGER, E. **Communities of practice a brief introduction**. University of Oregon. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1794/11736>> Acesso em: 10 jul. 2018.

ANEXOS

Anexo 1 - Roteiro de perguntas do formulário auto aplicado e do grupo focal com o objetivo de reunir impressões, sentimentos e relatos que fazem parte do Clube do Jardim.

Jardim de Aprendizagens | Conte sua história!

1. O que é o Clube do Jardim para você?

Resposta 1: *“Um projeto no ambiente de trabalho que possibilita: re-união com outros colaboradores da instituição, integração e reconexão com a natureza o que para mim traz bem-estar (saúde) e aprendizado ecológico na perspectiva de criação de um campo de pesquisa e estudos de extensão dentro da instituição.”*

Resposta 2: *“Foi o meu primeiro contato com agroecologia onde aprendi como ter uma vida mais saudável através da troca de experiências e saberes e que levo agora pra vida.”*

Resposta 3: *“O clube pra mim é um espaço de convívio e compartilhamento de saberes que fazem bem para o planeta como um todo. Um espaço para fazer junto, um lugar que me acolhe, assim como acolhe meus colegas que participam das atividades comigo. O clube é um lugar onde eu me sinto bem, um ponto de equilíbrio em momentos tumultuados do dia.”*

Resposta 4: *“Uma oportunidade de revitalizar e conectar as relações entre as pessoas, a Natureza, o ciclo das plantas, o espaço público comunitário e as relações com alimentos e medicamentos.”*

Resposta 5: *“É uma experiência viva. Vivida e sonhada para florescer, embelezar e cultivar o amor, o conhecimento transformador ligado a essência da vida. A relação da humanidade com a natureza. Da comida com a ciência e com a arte. Essa experiência se faz na articulação de atores de diversos campos de pesquisa e meios sociais internos e externos a Fiocruz Brasília, desenvolvendo ações de promoção da saúde com foco na segurança alimentar e nutricional e na soberania alimentar. É uma comunidade de aprendizagem que apesar de institucional é quase autônoma! Mas, que antes de tudo é uma ação democrática,*

intervencionista que luta por novas formas de produção de conhecimento e de tecnologia. Novas formas de atuar sobre a determinação da saúde.”

Resposta 6: *“Para mim, é o compartilhamento de conhecimento, integração e convivência entre pessoas que prezam pela natureza e sua alimentação.”*

2. Como é a sua participação no Clube? Participou de quais ações?

Resposta 1: *“Estou desde da criação e já participei de quase todos mutirões e eventos que realizamos. Segue os eventos que me recordo: criação dos primeiros canteiros e plantio, mutirão de poda, mutirão da colheita, roda de conversa (agrônomo da UNB e dança circular), celebração da colheita e mais dois mutirões de poda e plantio.”*

Resposta 2: *“Foi em um breve estágio curricular na Fiocruz do curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília (UnB) no qual tive a oportunidade de participar de eventos como plantações de mudas e poda do jardim na Fiocruz e participar da RAIC 2017 (Reunião Anual de Iniciação Científica) apresentando um trabalho sobre a descrição da experiência do Clube do Jardim.”*

Resposta 3: *“Minha participação no clube é bastante ativa. Organizo os mutirões, ajudo na divulgação e mobilização das atividades. Estou presente desde a fundação em outubro de 2016. Já fiz de tudo um pouco, o importante é fortalecer o projeto que carrega em sua essência muitas temáticas que considero relevantes nas práticas de vida das pessoas.”*

Resposta 4: *“Do início, da concepção e de alguns mutirões.”*

Resposta 5: *“Eu sou eterna parceira do Clube! Mesmo antes dele nascer, ali, onde houve a primeira ocupação/plantio, já era meu jardim. Participei da criação desde do projeto da Semana de C&T, em 2016 até o início de 2018.”*

Resposta 6: *“Sempre que possível, tento participar de todas as atividades agendadas pelo grupo. Encontros para plantar, colher e compartilhar ideias. Acredito que não pude participar de apenas 2, sendo que um deles (o primeiro) aconteceu antes de fazer parte da Fiocruz Brasília.”*

3. Compartilhe um ou dois fatos que mais te marcaram dentro das vivências do Clube.

Resposta 1: *“O que sempre me marca é o preparo da terra para o plantio com a participação de todos juntos, para mim é um ritual de passagem, momento que aprendo muito e me aproximo de colegas de trabalho em um outro contexto, criando novas relações. Depois vem a magia da colheita e descobrir que uma semente que caiu na terra sem percebermos surge como um projeto de uma árvore que crescerá no jardim da instituição. O compartilhar do alimento que conseguimos produzir em um espaço tão pequeno faz celebrarmos a vida juntos, como aconteceu na primeira colheita das folhas que virou uma linda salada que compartilhamos em um pic-nic.”*

Resposta 2: *“A participação cooperativa dos membros do Clube do Jardim durante a plantação de novas mudas e da poda. Pude observar nesses momentos que já houve uma mudança dentro da instituição Fiocruz, onde funcionários que não participava do clube mostravam-se curiosos e demonstravam interesse em participar dessa comunidade em busca de aprendizado sobre uma vida mais saudável.”*

Resposta 3: *“A celebração da colheita foi um momento importante para a história do Clube. A contribuição de uma das pesquisadoras da instituição que trouxe um resgate histórico de como os grupamentos humanos sempre celebraram suas colheitas e que muitas festas que comemoramos hoje tem como origem os tempos de plantio e colheitas dos alimentos é algo bastante marcante. Entender a alimentação como um ato estruturante na vida do ser humano nas diferentes dimensões que compõem os modos de vida das sociedades é fascinante. Outra situação marcante foi quando eu colhi algumas cenouras que plantamos em um dos mutirões. Ver o desenvolvimento da planta, aguardar a hora certa de colher, compartilhar a colheita... levar para casa algo que eu contribuí para existir. Isso não tem preço! Pensar que a forma como estamos nos propondo a aprender as coisas é ecológica é algo muito motivador! Nós podemos viver em sincronia com a natureza, podemos expressar nossos modos de vida de forma ecológica, respeitando os padrões da natureza.”*

Resposta 4: *“A criação do jardim foi um marco para convidar as pessoas a saírem de suas rotinas e terem momentos com as plantas e seu cultivo de trabalho. Os mutirões também.”*

Resposta 5: *“Um dos fatos que mais me marcaram foi a relação que estabelecemos com os jardineiros terceirizados. Pois oportunizou trocas de conhecimento e afetos, que transformaram nossa forma de vivenciar o dia a dia no trabalho. Que ressignificaram o ambiente e as relações interpessoais. Vê-los aprendendo, aprendendo juntos. Mais o mais emocionante era acompanhar o crescimento das plantas! Também as iniciativas livres que apareceram, sem serem programadas pelo Clube (Outros trabalhadores da instituição vinham intervir no jardim com suas mudinhas).”*

Resposta 6: *“Na segunda reunião, tivemos um momento em que demos as mãos e escolhemos uma planta e dissemos porque nos identificávamos com ela. Isso trouxe o relato de experiências de cada um e foi um momento bem acolhedor e integrador. Em outro momento, colhemos feijão e, nesse momento, sentados na grama, ficamos conversando sobre as PANC e algumas receitas para elas. Foi bastante interessante esse diálogo, particularmente para mim que tenho conhecimento limitado sobre esse tipo de planta.”*

4. Identifica benefícios dentro do projeto do Clube? Se sim, descreva.

Resposta 1: *“É muito bom perceber a curiosidade de muitos colaboradores que ao passarem pelo canteiro acabam saindo com um tempero ou um quiabo na mão e ficam encantados com a possibilidade de comer o que o seu colega de trabalho semeou. Esse gesto singelo traz a reflexão e o engajamento dos colaboradores e dos alunos que de certa forma estão na instituição. Para mim o benefício maior é o de estar preenchendo esse formulário de pesquisa vindo do desejo de alunos e voluntários de aprender para aplicar o conhecimento e construir outros Jardins de Aprendizagem. Ao meu ver essa iniciativa da pesquisa é um dos benefícios maiores que o Clube conseguiu realizar até o momento.”*

Resposta 2: *“Sim. Sendo a Fiocruz um agente de cidadania que promove a ciência e tecnologia atuando com a pauta agroecologia como estratégia de promoção de saúde, a coloca também como um instrumento de luta na defesa do uso racional de agrotóxicos. E o Clube do Jardim é um exemplo.”*

Resposta 3: *“São muitos benefícios! O projeto pode ser uma estratégia ação de saúde do trabalhador: saúde mental por proporcionar um espaço de convívio,*

sociabilidade e bem-estar promovendo integração entre diferentes programas e departamentos que se encontram nas atividades do Clube. O projeto fortalece o movimento de agricultura urbana no território do distrito federal: diferentes pessoas de hortas comunitárias já visitaram nosso espaço, pegaram sementes que produzimos, viram nossa forma de fazer para replicar em seus espaços, valorizam as pautas da agroecologia e segurança alimentar e nutricional por ver que a Fiocruz (como uma instituição reconhecida na sociedade) também está inserida em ações como esta. O projeto é um espaço de aprendizagem para pessoas que buscam realizar ações mais sustentáveis no seu cotidiano. O projeto amplia o acesso de plantas aromáticas e medicinais no cotidiano da comunidade trabalhadora da instituição.”

Resposta 4: *“Os relacionamentos, as partilhas de conhecimento e aprendizagem sobre o cultivo das plantas.”*

Resposta 5: *“O projeto beneficia diretamente os colaboradores que o viabilizam, por ser projeto de ação e reflexão, que gera conhecimento. O projeto desenvolve novas metodologias e abordagens participativas. Promove a qualidade de vida no trabalho. Representa um espaço de interação e de diálogos intra e intersetoriais que permite diversos desdobramentos.”*

Resposta 6: *“Além de ter ervas e vegetais frescos ao alcance fácil, conhecer um pouco sobre meus colegas de trabalho é muito importante. Me dá um sentido de pertencimento ao local e promove uma interação maior entre as pessoas que participam do clube.”*

5. Tem alguma sugestão para o Clube do Jardim?

Resposta 1: *“O desejo de que o Clube se transforme em um projeto institucional para que possamos não só estrutura-lo como um projeto de extensão e assim conseguirmos maior engajamento dos colaboradores e de parceiros externos e assim, podermos expandir nossa experiência para o território em parceria com outros projetos e iniciativas no campo de práticas agroecológicas e sustentáveis.”*

Resposta 2: *“A disseminação da ideia do Clube do Jardim a outras instituições.”*

Resposta 3: não houve resposta.

Resposta 4: *“Pode integrar mais pessoas e ser transversalizado nas atividades acadêmicas.”*

Resposta 5: *“Atuar com a Escola Fiocruz de Governo, estabelecendo-se também como atividade de extensão, com alunos do mestrado e das especializações, professores e comunidade. Ampliar as ações inclusivas do clube como a alfabetização. Ocupar outras áreas do jardim. Transformar o espelho de água em um laboratório de PANCS ou outras plantas comestíveis, com canteiros suspensos. Plantar outras árvores nativas, considerando que as atuais já estão em estágio avançado de sucessão florestal. Replicar a experiência do Clube do Jardim em outras unidades da Fiocruz. Sinto falta de ter ervas aromáticas e medicinais acessíveis no campus de Manguinhos. Promover mensalmente na Fiocruz Brasília feiras agroecológicas com parceiros locais. (Aqui na ENSP acontece quinzenalmente a Feira Agroecológica Josué de Castro).”*

Resposta 6: *“Mais encontros! Poderia ser simples, por exemplo sempre que for fazer o manejo das plantas, avisar todos para que quem puder possa participar. Não precisaria ser algo muito marcante, só a interação entre as pessoas faz do clube uma iniciativa muito enriquecedora. Outra sugestão, é que poderiam ter plaquinhas para dizer o que é cada planta.”*

Anexo 2 – Perguntas e respostas obtidas durante a prática do Grupo Focal.

Perguntas

1. Como foi o primeiro contato com o Clube do Jardim?
2. Um momento marcante dentro do Clube?
3. Quais experiências vividas dentro do Clube? De quais atividades participaram?
4. O que aprenderam com as vivências do Clube?

Narrativas

Participante A: *“quando cheguei na instituição as pessoas tinham vontade de ter o jardim comestível/horta. Na semana de ciência e tecnologia, conseguimos algumas mudas e pensamos “por que não plantar aqui?”, várias pessoas gostaram da ideia e foram pedir autorização para fazer a horta.”*

Participante B: *“sou do Programa de Promoção da Saúde, Ambiente e Trabalho. Estou vindo de outra instituição da Fiocruz, e estou aqui em Brasília desde novembro. Logo que cheguei comentaram respeito do Clube do Jardim, as pessoas me apresentaram o clube, mostraram o local, as plantas, quais eram. Meu primeiro contato foi da apresentação e da limpeza do jardim, que estava cheia de ervas daninhas (feijão guandu) e o objetivo era cortar as plantas e fui ajudar.”*

Participante C: *“hoje eu trabalho no Programa de Alimentação, Nutrição e Cultura, de maneira integral, mas já faço parte do programa como pesquisadora associada desde 2015, e em 2016, na semana de ciência e tecnologia que aconteceu aqui, eu estava colaborando e participei da inauguração do Clube do Jardim quando a partir das mudas, como a ‘participante A’ falou, a gente decidiu colocar em prática e escolheu o formato em mandala, a forma, fizemos com as crianças, e depois participei de algumas ações, multirão ou de encontros. Então a minha relação é desde o começo.”*

Participante D: *“trabalho no laboratório e comecei a participar no segundo encontro, que era de plantio, trazer as mudas e se conhecer, etc. Comecei a participar e eu me interessei muito, apesar de ter pouco tempo, mas sempre que possível eu dou um jeito de aparecer e contribuir de alguma maneira.”*

Participante E: *“participei desse início da formação da mandala, de alguns manejos da horta, venho do movimento de agricultura urbana (GT de agricultura urbana do nossa Brasília). Também tenho horta medicinal na quadra em que moro; temos um coletivo de comunidade lá. Sou farmacêutica e esse movimento de hortas comunitárias pra mim foi um resgate da profissão no qual tinha me afastado fazem muitos anos, porque sou graduada em farmácia, mas depois estudei design e fiz outras coisas da vida e a agricultura urbana me reaproximou dessa questão das plantas medicinais, então hoje eu tomo conta de uma mandalinha de ervas medicinais na prefeitura da minha quadra.”*

Participante B: *“me sujei todo de barro e bebi citronela achando que era capim santo. Na verdade, me disseram que tinham tirado toda a citronela de lá. Então colhi o capim santo, levei para a minha casa, minha sogra estava lá e ia fazer para todo mundo. Depois de tomar 2 xícaras ela me alertou “esse cheiro não é só de capim santo, acho que tem citronela no meio”. Então fui pesquisar na internet para saber a diferença da folha, como identificada e vi que a citronela tem uma palha dourada e o capim santo a palha é meio parda e com o caule roxo. Quando cheguei na Fiocruz fui correndo no jardim, pois teimei em casa que era capim santo. Assim que deitei o pé de “capim santo” eu vi que era citronela. Tirei um pedaço e levei para algumas pessoas do clube do jardim para cheirarem e verem que era citronela. Você que é farmacêutica: eu vou morrer tomando citronela?”*

Participante E: *“uma vez na vida o fígado aguenta.”*

Participante A: *“vou fazer a defesa: eu achei que a gente tivesse tirado a citronela.”*

Participante B: *“mas ele estava misturado, estava no meio de um pé.”*

Participante E: *“eu comentei que era tóxico, mas disse para colocarem num local mais distante, no jardim, porque é bom para afastar os mosquitos e na horta é legal, pois é um repelente natural para alguns insetos.”*

Participante B: *“agora eu sei identificar, é bem característico. Depois levei a ‘participante A’, olhamos e vimos que dá pra identificar.”*

Participante A: *“a gente também teve as nossas mães de auditoria. Levamos umas folhas para elas identificarem.”*

Participante D: *“o momento que tenho mais marcante no clube do jardim foi na vez que a gente foi plantar um dos lados da mandala, pois tinha muita gente, várias pessoas trouxeram mudas e foi uma interação social muito legal. Esse momento para mim está gravado. Acho que depois disso, não me lembro de alguma outra vez que juntou tanta gente. Porque foi uma participação grande, isso foi muito legal.”*

Participante A: *“esses dias tivemos alguns moradores, lá tem vários moradores. A gente vê que o ecossistema daquela região é muito diferente de outros lugares. Tinha um ninho de passarinho e nos surpreendemos quando fizemos a poda.”*

Participante D: *“estava lá cortando manjerição e de repente um ninho de passarinho com dois ovinhos. E os passarinhos nasceram!”*

Participante A: *“tinham mais outras pessoas, tem outros cuidadores do jardim que são invisíveis e a gente não vê. Vemos que tem uma interação. Fomos no pé de manjerição, que antes parecia estar tombando, que agora estava amarrado. O ‘participante B’ foi lá e viu que estava atrapalhando o acesso da mãe aos ovos. Até sonhei a noite que a mãe abandonava os filhotes, depois de um tempo vimos que não tinham mais passarinhos.”*

Participante B: *“eu vi que estava amarrado e desamarrei e liguei para a ‘participante A’ e falei que tinham amarrado o pé de manjerição e que os filhotes iam morrer sufocados, já que a mãe não ia conseguir entrar. Então fomos lá e vimos que não tinham mais passarinhos.”*

Participante A: *“fui pegar informações com as pessoas que frequentam, o pessoal da limpeza que fica próximo se eles tinham visto o ninho de passarinho. Eles falaram ‘papa capim?!’, eles já sabiam qual que era e falaram que eles já voaram mais estão por perto. A gente fez um cartaz e uma das filhas de uma participante desenhou um ninho com os passarinhos voando e com ovinhos para avisar que tinham passarinhos ali.”*

Participante C: *“meu momento marcante coincide com o da ‘participante D’, que foi o manejo que aconteceu e vieram muitas pessoas com muda e eu me lembro que uma das pessoas fazia uma bomba de sementes e falava “ah, o que vier”, e eu não conhecia esse termo de bomba de sementes e ele falou que a gente joga as sementes e vê o que dá, que quem decidir subir, sobe, a natureza que decide, então não sabemos o que vai vir. Isso foi muito marcante para mim, foi um momento de descoberta.”*

Participante B: *“você sabe que a interação é marcante, porque até aquele dia que estávamos nós três mexendo no jardim é uma coisa que fica gravado porque estão os três lá, você quebra a tua rotina, e a interação eu acho que é algo que realmente marca, você mexer no jardim e interagir, porque é o momento que você se aproxima das pessoas e você está aprendendo sobre as plantas, está manuseando aquelas plantas, mas ao mesmo tempo está conversando, descontraindo, se aproximando de pessoas que num dia comum não conversaria.”*

Participante E: *“o que vocês acham de mexer na terra na área pública? Vocês se sentem como fazendo isso?”*

Participante D: *“se sente parte do ambiente e não usando o ambiente.”*

Participante C: *“Brasília tem uma arquitetura que afasta, na minha concepção, mas ao mesmo tempo o fato de não ter muros e a gente circular, quem se aventura, porque aqui em Brasília é um pouco de aventura você não se deslocar só com carro, então no meu caso, como eu priorizo o deslocamento a pé, eu não me sinto muito numa área que é pública e que por não ser privada eu não possa mexer. Por exemplo, quando vejo uma horta ou algo que é comestível nos arredores das quadras aquilo naturaliza pra mim. Então aqui é como se fosse o quintal da casa, não sinto como se estivesse mexendo numa área pública.”*

Participante B: *“eu costumo comer, se estou na rua e vejo um pé de amora eu como.”*

Participante C: *“eu conheci feijão guandu, que era algo que não conhecia, porque como sou capixaba eu não sei de onde é o feijão guandu, se é algo que é próprio do cerrado, mas no Espírito Santo, na região em Minas que eu morei e no Rio a gente não tinha isso no hábito, não é algo comum. Eu frequento feira desde*

criança, é algo que é da minha experiência de vida, é algo que é o normal, até senti umas dificuldades quando me mudei para Brasília porque a lógica de feira aqui é diferente. Mas então eu não conhecia e até hoje não comi. Conheci aqui no Clube como um tipo de feijão e ainda não experimentei.”

Participante B: “é comestível? Eu não sabia. Acabei de aprender uma coisa agora. No meu caso foi a diferenciação de capim santo com citronela. Isso não vou esquecer nunca mais. Eu tive pouca experiência com o clube, a única experiência que tive foi de manejo da poda, em relação a questão de ter plantas, eu sempre tive em casa, mas mais ornamentais do que comestível, não me lembro de fazer uma horta com plantas que pudesse utilizar como tempero ou como consumo. Mas acho que a própria arquitetura de Brasília, para mim, estimula ter contato com plantas. Eu sou do interior de São Paulo, e lá a gente tem na cidade espalhada muito pé de amora, essa coisa de comer do pé eu fazia muito de interior mesmo, de estar caminhando e colher amora e comer, acerola... quando fui pra Manaus, isso foi um pouco esquecido porque eles tem uma negação da floresta. Pra quem mora na cidade, a floresta é sinônimo de subdesenvolvido. Então eles cimentam todo o quintal, colocam muito piso frio, e pra eles isso é sinônimo de desenvolvimento, e os manauaras odeiam falar que são ligados aos índios. E você não vê jardins grandes. Minha experiência com a horta sumiu, e quando eu voltei pra Brasília que eu tive contato com o jardim e de ter muitas árvores frutíferas entre as quadras, isso me estimulou de novo a ter planta em casa, a ter vasos e hoje em casa a gente tem vários tipos de plantas. A gente não trabalha mais com plantas artificiais e deixamos a casa com flores. Eu comprei agora um kit de jardim mini com espátula e vou comprar uma tesoura de poda pra poder cuidar das minhas coisas. Estou até pensando em plantar alguma coisinha, mas preciso aprender mais sobre as características das plantas e etc, mas o grande aprendizado foi a questão da citronela com a cidreira e a questão de estimular/resgatar a questão de não ter em casa planta artificial, e sim plantas naturais.”

Participante A: “a ‘participante E’ pra mim é uma grande professora, ela sempre vinha aqui e eu aprendi um monte de coisa, a reconhecer as plantas. Minha vó tem quintal e tem plantas com mais de 30 anos que ela usa para fazer chá. Minha vó tem a mão verde. Ela tem as plantas protetoras que protegem as outras plantas e aqui também tem, de vez em quando eu passo a mão na arruda, cheiro, ponho uma

plantinha no cabelo, eu gosto do cheiro da arruda. Acho que é essa memória afetiva também, tem uma planta que eu levei pra lá que é o bálsamo e todo mundo que vai lá eu dou uma folhinha pra comer porque eu amo e é uma folha da minha infância, então adoro o gosto, o sabor azedinho. Apesar das dificuldades de algumas pessoas não entenderem o motivo de ter uma horta urbana aqui, ou as vezes até criticarem o fato da gente está ali falando que aquilo não é trabalho, tem pessoas daqui que pegam flores e levam para a estação de trabalho e tem muita gente que é de terreiro e usa para banho. E como eu sei, eu falo que na hortinha tem essas plantas. E muda também a relação com a cidade, o seu olhar, eu já passo no meio das quadras olhando as plantas que tem, quando tem bananeira, ora-pro-nobis que eu não sabia identificar.”

Participante B: *“o que ela falou é muito legal, porque você estende a sua noção de casa, porque cria um pertencimento maior na sua cidade. A cidade é só o meio privado dentro do teu apartamento? Não, você faz parte de uma sociedade que se relaciona com pessoas e o jardim que estão em volta também é uma expressão disso, e faz parte do teu pertencimento e da tua moradia, isso aumenta a sua noção e cria um vínculo com a cidade, de cuidar melhor da sua cidade, pensar em não sujar, não poluir, você começa a ter sua consciência ambiental e consciência de que o espaço é compartilhado, coletivo, começa a ter consciência coletiva.”*

Participante C: *“eu tenho mudas em casa, agora lá tem alecrim, alho poró e verbena, que comprei na feira. E eu planto em casa. Eu gosto dessas que você coloca na água, faz a raiz e depois planta. Eu fazia isso quando morava em Viçosa. Eu plantava muito em apartamento, mas eu fui perdendo esse hábito, e aí o Clube me fez retomar isso.”*

Participante A: *“uma vez um colega disse que é como se tivesse perdendo o tempo do seu trabalho, quando estou no jardim.”*

Participante B: *“é uma visão da gestão, de como as coisas são organizadas, se torna muito burocrática e cheia de procedimentos e processos que engessam as pessoas. Muitas pessoas têm essa ideia que o local de trabalho não é um local de prazer. Quando a gente faz alguma coisa que sai da rotina e as pessoas reclamam, principalmente a gestão. Quando você pretende fazer isso (interação social) como é o caso do projeto do Clube do Jardim você tem que fazer um movimento hercúleo*

pra fazer com que as pessoas entendam que aquele processo que tá lá é de interação social, de melhora de relação de trabalho de melhora das próprias funções dele enquanto trabalhador, e isso é cultural, a gente precisa quebrar algumas formações culturais e preconceitos que as pessoas trazem.”

Participante E: *“ouvi falar que no solo tem algumas microbactérias que são ante depressivas naturais e quando em contato com elas você tem bem-estar, e tem até um artigo que eu li que falam de terapias com a terra. Que seriam práticas boas para se terem no ambiente de trabalho devido aos benefícios.”*

Anexo 3 - Termo de consentimento livre e esclarecido para os membros do Clube do Jardim

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Eu , _____, autorizo a minha participação como voluntário da pesquisa intitulada CLUBE DO JARDIM: HORTA COMUNITÁRIA COMO MEIO DE ALFABETIZAÇÃO ECOLÓGICA ATRAVÉS DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS E SUSTENTÁVEIS, que se refere a uma pesquisa científica.

O objetivo deste estudo é discutir de que forma uma horta urbana pode gerar o conceito de Comunidade de Práticas (CoP), integrando práticas agroecológicas e sustentáveis ao aprendizado ecológico.

Os resultados contribuirão para o desenvolvimento de narrativas acerca das experiências, impressões e vivências dos atores inseridos no Clube do Jardim - Comunidade de Práticas Agroecológicas e Sustentáveis.

A participação se dá de forma voluntária e não obrigatória. O seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa o que garante o anonimato e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Não será cobrado nada, não haverá gastos decorrentes de sua participação, se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa o risco pode ser avaliado como: mínimo. Desta maneira, caso o participante manifeste a vontade de interromper e não responder as perguntas do questionário, o mesmo poderá se abster da pesquisa sem nenhum tipo de prejuízo ou julgamento.

São esperados os seguintes benefícios da participação: análise dos benefícios trazidos pela horta comunitária tanto para o ambiente de trabalho, quanto para a comunidade.

Gostaríamos de deixar claro que a participação é voluntária e que poderá deixar de participar ou retirar o consentimento, ou ainda descontinuar a participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo de qualquer natureza.

Desde já, agradecemos a atenção e a da participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com a pesquisadora.

São as seguintes pesquisadoras vinculadas a Fiocruz Brasília:

- Dra. Tatiana Oliveira Novais – Responsável pela pesquisa - (61) 983166006.
- Mestranda Bruna Pedroso Thomaz de Oliveira (61) 98183-7389.
- Estudante de Graduação Cecillia Lago Pinheiro (61) 98376- 9385.

Obs.: As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidas pelo telefone (61) 3329-4501 ou do e-mail cepbrasil@fiocruz.br, horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira. O CEP/FS se localiza Avenida L3 Norte, s/n, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Gleba CEP: 70.904-130 - Brasília - DF.

Eu, _____ (nome do responsável ou representante legal), portador do RG nº: _____, confirmo que Tatiana Oliveira Novais, Bruna Pedroso Thomaz de Oliveira ou Cecillia Lago Pinheiro explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

(Assinatura responsável ou representante legal)

Eu, _____ (nome do membro da equipe que apresentar o TCLE) obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do sujeito da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE)

(Identificação e assinatura do pesquisador responsável)